

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA SALA DE AULA: UM PODER MÁGICO!

Bianca Farias da Silveira (PROLING/UFPB)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apontar importantes contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento dos alunos em sala de aula. Dentre elas, podemos citar algumas: suscitar o imaginário infantil, responder indagações, enriquecer o vocabulário, favorecer a reflexão crítica, respeitar os turnos de fala, auxiliar na leitura e na escrita, conhecer aspectos da própria cultura e possibilitar a interação social. Como aporte teórico, tomamos como referência os estudos de Bagno, Bortoni, Ong, Patrini e Silva. Para melhor entendimento, retomamos um pouco da história do conto e dos contadores. Sabemos que a prática social do reconto é uma arte que ressurgiu recentemente, depois de quase ter desaparecido no começo do século XX. De acordo com Patrini (2005), esse quase desaparecimento do conto está associado ao surgimento das novas mídias, como o cinema e a televisão, que substituíram o horário dos saraus do passado. Isso porque o poder da imagem é muito grande, ao ponto de subentender que a escuta do conto tradicional é algo fora de moda. Acreditamos que a presença do contador de histórias na sala de aula possibilita manter vivos na escola outros repertórios conhecidos das crianças e dos professores. Além do mais, esta presença reconhece e valoriza a oralidade.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias, contribuições, sala de aula

ABSTRACT

This work aims to point out the important contributions of story telling for the development of students in the classroom. Of those contributions, a few can be mentioned: raising the imaginary in children, answering questions, enriching the vocabulary, encouraging critical thinking, respecting the turns of speech, helping reading and writing, knowing aspects of their own culture, allowing social interaction. As a theoretical contribution, we take as reference the studies of Bagno, Bortone, Ong, Patrini and Silva. For a better understanding, we recall a bit of the history of tales and tale-tellers. We know that the social practice of retelling is an art that has recently risen again, after having almost disappeared at the beginning of the twentieth century. According to Patrini (2005), the virtual disappearance of the tale is associated with the emergence of new media such as film and television, which replaced the past recitals. This is because the power of the image is too large, as to imply that listening to traditional stories is somewhat out of fashion. We believe that the presence of the tale-teller in the classroom keeps alive, in schools, other repertoires known by children and teachers. Moreover, the presence of tales/tale-tellers recognizes and values the orality.

KEYWORDS: story telling, contributions, classroom

Contar ou ler histórias para as crianças possibilita suscitar o imaginário infantil, responder perguntas, encontrar e criar novas idéias, estimular o intelecto, descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções. É ouvindo histórias que se pode sentir emoções como: raiva, tristeza, irritação, pavor, alegria, medo, angústia, insegurança e viver profundamente tudo que as narrativas provocam e suscitam em quem as ouve ou as lê, com toda a significância e verdade que cada uma delas faz ou não brotar. Contar e ler histórias implica também em desenvolver todo o potencial crítico da criança, pois através da audição de histórias a criança é levada a pensar, questionar e duvidar, estimulando desta forma o seu senso crítico. Com isso, entendemos que a oralidade da comunicação se coloca para além do texto escrito.

A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens; mas sem perder o senso crítico, que é estimulado pelos enredos (SILVA, 1997, P. 11).

Podemos ainda falar da constituição do conto para confirmarmos a sua importância no desenvolvimento das crianças. Vejamos os apontamentos feitos por Bajard ao comentar a obra de Patrini (2005):

O conto constitui uma memória da comunidade - maneira de ver o mundo, esperanças e medos, anseio de transcendência - possibilitando sua transferência às novas gerações. O jovem aprende quais os valores do clã. Através dos contos, a criança descobre uma ética, as regras entre membros dos dois sexos: o interdito, o permitido e o desejável. A criança aprende não somente as leis da comunidade, as regras a serem cumpridas com os amigos ou com os inimigos, mas também as que regem a vida do homem no planeta e sua natureza. Aprende que existem ações perigosas e outras benéficas, que algumas são elogiadas e outras punidas. Descobre a relação entre causa e consequência, o papel do tempo no envelhecimento e a inexorabilidade da morte (BAJARD *apud* PATRINI, 2005, p. 18).

Sabemos que a prática social do reconto é uma arte que ressurgiu recentemente, depois de quase ter desaparecido no começo do século XX. Conforme os apontamentos da autora foi uma prática rural do passado, abandonada com a urbanização das sociedades e que renasce nos anos 60, como um fenômeno urbano.

Ela atribui esse quase desaparecimento do conto ao surgimento das novas mídias como o cinema e a televisão. Os capítulos das novelas brasileiras substituíram o horário dos saraus do passado. Isso porque o poder da imagem é muito grande, ao ponto de subentender que a escuta do conto tradicional é algo fora de moda.

É curioso perceber que os capítulos cotidianos da novela brasileira substituíram o horário do sarau do passado: a necessidade de histórias aumenta com a aproximação da noite e da hora do sonho. Paradoxalmente, a força da imagem é tão grande que, após ter relegado a escuta do conto tradicional a algo fora de moda, conseguiu nos anos 80 imprimir a nova vida à Literatura Infanto-juvenil. Investiu os textos narrativos dos livros endereçados aos jovens (BAJARD *apud* PATRINI, 2005, p.13).

O renascimento da prática do reconto aconteceu nos Estados Unidos, antes de difundir-se na Europa e em especial na França, dentro de um lugar específico: a biblioteca. E isso nos intriga porque se o reconto é uma manifestação da oralidade e se faz presente nas mais diversas culturas do planeta, quer sejam as letradas ou as ágrafas podemos nos interrogar porque os novos contadores surgiram dentro do universo da escrita, no caso das bibliotecas, diferentemente dos antigos contadores.

A grande maioria dos novos contadores conhece os contos da tradição oral através da língua escrita. Sua fonte é a biblioteca. Os novos contadores trabalham uma matéria oral secundária, ou seja, lidam com uma matéria marcada pela escrita. Diferentemente dos antigos contadores que usavam uma língua oral primária. Entendida por Ong (1998, p. 19) como: “[...] a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão [...]”. O ressurgimento do conto nas bibliotecas pode explicar a ligação dessa arte com as práticas de alfabetização. A partir de atividades oferecidas pelas bibliotecas infanto-juvenis ou escolares como a “hora do conto”. Atividade esta, que segundo a maioria dos educadores pode atrair as crianças aos espaços da biblioteca e fomentar neles a necessidade da aprendizagem da leitura para terem acesso às narrativas disponíveis nas estantes. Apesar disso, essa prática assumida por muitos educadores deve ser mais aprofundada. Visto que o reconto, enquanto prática da língua oral, não tem ligação direta com a escrita.

Se atualmente os contadores aparecem utilizando um repertório diversificado de fonte escrita e querendo ser originais no seu jeito de contar, fiquemos certos de que não tem mais muita coisa em comum com o contador tradicional e que uma renovação está ocorrendo na arte de transmissão e de recepção orais do conto. Patrini (2005) acrescenta ainda, que essa nova prática dos contadores de histórias dirigi-se para um movimento de resistência á padronização da linguagem e ao silenciamento das pessoas, imposto por quem detém o poder.

Além disso, essa outra prática dos novos contadores de histórias aponta para um movimento de resistência á padronização da linguagem e ao silenciamento das pessoas imposto pelos meios de comunicação de massa, à medida que busca recuperar o saber popular. Acresce a esse fato a legitimação da autoria do discurso do ouvinte, já que a oralidade implica na proximidade e exige um ambiente convival que mescla o tecnológico com o artesanal (PATRINI, 2005, p. 31).

Podemos dizer que a presença do contador urbano é uma resistência da arte oral. A sua volta chega a confirmar um apelo da própria sociedade, isso porque apesar das ofertas do mundo pós-moderno, o homem tem necessidade de manter viva a oralidade. De acordo com Patrini, na cidade, o conto se transformou em memória, recriação, e se hoje podemos mencionar algo a respeito de uma renovação do conto, sua nova passagem se fez principalmente através das bibliotecas, centros culturais e festivais para onde vão os contadores de histórias contemporâneos.

Por ora, sentimos que é cabível discorrer um pouco sobre o conceito de contador de histórias para que possamos seguir adiante com outras discussões relacionadas a eles e a sua importância em sala de aula. Acreditamos que o novo contador é uma pessoa quem tem no sangue a arte de contar, de expor as narrativas, é uma pessoa que pode contar e recontar de várias maneiras o seu repertório, com a mesma magia, com o mesmo encanto, produzindo uma versão bastante pessoal dos fatos na hora da contação. Vejamos agora outras definições:

O contador é uma testemunha para mim de algo que vai acontecer. É um jogo que é preciso aceitar. Aceitar nos deixar levar pela mentira. A arte do contador consiste antes de tudo em produzir uma versão pessoal dos fatos que ele conta, é uma arte testemunhal (HINDÉNOCH *apud* PATRINI, 2005, P.74).

É alguém que atua na prática da narração, o que não significa atuar especialmente em uma prática artística que supõe forçosamente a representação. O contador pode se adaptar a diferentes espaços, diferentes atividades, diferentes experiências para recontar uma história. É alguém que pode intervir de diferentes formas sendo seu próprio autor ele mesmo, forjando o seu próprio repertório (MATÉO *apud* PATRINI, 2005, p. 76).

Claro que existe outras definições para a figura do contador, porém no momento, comungamos com estas e seguimos adiante.

Na contemporaneidade, o conto transmitido através da oralidade não tem as mesmas funções que antigamente. O novo contador é mais solitário, possui uma sabedoria a ser questionada e vive a cada encontro com o seu público, um sentimento meio distante, de estranheza. Dizemos isso porque normalmente ele não conhece as pessoas com o qual deve

estabelecer relações, assim como não sabe o espaço que lhe será oferecido para a sua próxima apresentação. Antes os encontros se faziam coletivamente, mas agora é preciso provocá-los. Sobre essa solidão do novo contador, podemos dizer que ela influencia na hora da contação, basta observar a constante presença recorrente da primeira pessoa “eu e mim,” também de expressões como: “particularmente e pessoalmente”, entre outras costumeiras. Esse tipo de fala representa a ausência de uma abordagem coletiva, confirmando a sua solidão. Patrini (2005, p.70) confirma: “O contador pode conhecer o ponto de vista de alguns colegas, mas não possui uma consciência de grupo. Portanto, é preciso que ele assuma seus próprios riscos. A voz que fala é sempre solitária”.

Outro aspecto que circunda a vida do novo contador é a falta de um mestre no movimento de renovação do conto e na arte de contar atualmente. Ou seja, existe uma falta de referência, de alguém em quem se apoiar, restando apenas as histórias registradas nos livros. Bloch *apud* Patrini, (2005, p. 83): “[...] órfão de tradição oral, eu precisei descongelar as palavras encontradas nos livros de contos, torná-las minhas”.

Mas com o passar do tempo o novo contador precisa construir o seu próprio repertório, partir em busca de um modelo, de uma fonte. Se o contador não se sentir ligado ao conto e nem a um personagem, ele tenderá a se ligar a forma de recontar de um outro contador, aceitando-o como seu orientador.

Através da contação de histórias é possível descobrir novas palavras, deparar-se com a música e com a sonoridade das frases e dos nomes, se capta o ritmo e a cadência do conto. Porém, para isso, quem conta tem que criar um clima de envolvimento e de encanto. Se faz necessário saber dar pausas, o tempo para o imaginário de cada criança construir o seu cenário, visualizar os seus monstros, criar as suas fadas, adentrar pela floresta, pensar na cara do rei, travar lutas com as almas penadas, entre outros. A performance do contador ao amarrar as inúmeras conotações às palavras faz a ponte entre o lúdico e a aprendizagem. “O conto oral é uma forma de narrativa que estabelece e concretiza as interações entre dois parceiros: o contador e o seu público” (PATRINI, 2005, P. 143).

Podemos então, identificar a contação de histórias como uma atividade de comunicação vocal do texto escrito, que comporta uma dimensão lúdica e que por sua vez exige que o contador assuma as muitas instâncias da enunciação transformando-se em personagens de histórias.

A oralidade do contador contemporâneo, manifestada através de sua performance, persegue o processo de composição artística de diferentes fontes e influências. Neste sentido, podemos referenciar, entre outros elementos, o seu repertório, o seu modo de contar e ainda a sua maneira de estabelecer relações com seu público (PATRINI, 2005, P. 175).

O processo criativo humano funciona muitas vezes de fora para dentro. Ou seja, ele leva para o seu interior as influências, e tudo que ele apreende do exterior, gera certa relação com o que já existe assimilado e guardado em sua mente, processa e constrói seu conhecimento.

A escola precisa favorecer um ambiente onde a cultura, a oralidade e a participação social sejam contempladas. Bortoni corrobora com o exposto quando explicita o objetivo da pedagogia culturalmente sensível. Observemos:

É objetivo da pedagogia culturalmente sensível criar em sala de aula ambientes de aprendizagem onde se desenvolvem padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas que estão presentes na cultura dos alunos. Tal ajustamento nos processos interacionais é facilitador na transmissão do conhecimento, na medida em que se ativam nos educandos processos cognitivos que estão associados aos processos sociais que lhes são familiares (BORTONI, 1993, p.5).

A contação de histórias provoca nas crianças o desenvolvimento de operações mentais auxiliares na construção dos significados das palavras ouvidas, de forma que aliadas ao contexto da história, possam, além de enriquecer o seu vocabulário, auxiliar no desenvolvimento da leitura e da escrita.

Os benefícios de uma contação de histórias são apontados como um importante auxiliar na formação das crianças, na compreensão e assimilação dos significados, assim como o desenvolvimento das práticas leitoras. As crianças que escutam as histórias, incorporam uma atitude analítica exemplificada pelo orador, por meio de seus comentários e problematizações durante a contação de histórias, permitindo o desenvolvimento do seu senso crítico. Admitimos também, que a leitura de histórias em voz alta, constitui uma oportunidade favorável ao desenvolvimento do vocabulário, o contexto verbal das histórias, assim como a entonação e o ritmo do leitor, constituem uma fonte rica para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

A valorização dessas práticas orais também são muito importantes no processo de ensino-aprendizagem, se levarmos em conta o conceito de letramento, atribuído por Soares *apud* Bagno (2002, p.52): “estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral.”

Bagno acrescenta:

A consideração dessas práticas orais também é muito importante se quisermos ampliar o conceito de letramento, aplicando-o também à capacidade que os seres humanos sempre tiveram, nas distintas épocas e culturas, de transmitir conhecimentos, preservar a memória do grupo e estabelecer vínculos de coesão social por meio de práticas que independem do conhecimento de qualquer forma de escrita (BAGNO, 2002, p.55).

Patrini coloca outro benefício atribuído aos contos, diz que eles favorecem a desalienação em relação aos bens simbólicos. Vejamos:

O conto, uma das experiências estéticas das mais democráticas, pode favorecer uma desalienação em relação aos bens simbólicos. A reabilitação do fantástico recupera a referência não mediada das experiências pessoais, mas sim a relação íntima, ativa e participante entre contador e ouvinte, pois o conto valoriza a palavra humana e traz também o calor de uma presença, uma verdadeira necessidade que os homens tem e que não encontram da mesma forma em outros meios de comunicação (PATRINI, 2005, p. 48).

Apesar dos benefícios da contação de histórias na escola, já mencionados, não podemos deixar de fora a crítica feita por Virginie Lagarde (C11), contadora participante da pesquisa de Patrini (2005), sobre como as escolas estão tratando o conto. A contadora deixa transparecer o seu descontentamento quando constata que a estrutura do conto possa servir até mesmo para dar aulas de matemática, o que se passa hoje em dia nas escolas. Mais será que o problema está na utilização do conto como recurso pedagógico? Observemos a sua preocupação:

A tendência é esconder a parte do sonho e privilegiar o lado útil e pedagógico. É preciso que isso seja rentável, isso deve verdadeiramente servir e é sempre muito difícil se desenvolver uma qualidade de escuta com as crianças se algumas poucas professoras não possuem esta qualidade de escuta. Elas mesmas estão dentro de seus projetos pedagógicos, preocupadas como se servir dos contos em classe. Será que isso é francês? Como fala esta contadora? Que estranho... Elas estão muito ligadas a língua, isto é normal, o trabalho delas é o de ensinar, mas algumas vezes isto se reduz consideravelmente a magia do conto porque eu acredito que há muitas coisas que atuam no nível do inconsciente e, querendo usar o conto como um instrumento psicológico e pedagógico, nós o “digerimos”, nós o esvaziamos de sua substância essencial (LAGARDE *apud* PATRINI, 2005, P.44).

Percebemos que o grande problema não é em utilizar o conto como recurso pedagógico nas mais diversas atividades, mas no risco que se corre em não valorizar o seu potencial, a sua magia. Então, é preciso que os professores estejam preparados para trabalhar com os mesmos, acreditando no potencial que o conto possui e em sua função no dia-dia da escola enquanto fonte de saberes. Patrini esclarece que a escola precisa se aprimorar em relação ao

trabalho com o conto, em contraponto, o público escolar sabe apreciá-lo naturalmente:

Assim enquanto a escola demonstra que ainda precisa de mais tempo para chegar a uma compreensão mais aprimorada e justa da questão, o público escolar, ao contrário, sabe apreciar naturalmente uma sessão de contos na qual o “humor e o maravilhoso são saboreados, o tempo não existe para eles. Eles pedem sempre mais”, diz a contadora Muriel Bloch [...] (PATRINI, 2005, p. 45).

Sem dúvidas devemos aproveitar o apreço que o público escolar, ou melhor, as crianças, têm pelo conto, para estimular o desenvolvimento da aprendizagem, sem deixá-lo para segundo plano como mero instrumento pedagógico, mas, mostrar as crianças que eles estão carregados de saberes e que estes devem ser respeitados e valorizados, reconhecendo-os como integrantes da nossa cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que já foi exposto, podemos dizer que nestas últimas décadas a escola tem compreendido muito pouco sobre o que a prática de ouvir e contar histórias pode significar para os seres humanos e para a nossa cultura.

A escola privilegia a escrita e avalia a capacidade do aluno para produzir uma narrativa escrita. Devemos nos perguntar porque a escola continua a ignorar as capacidades para desenvolver uma narrativa oral de alunos de um país como o Brasil, cuja oralidade é ainda viva e fortemente dominante em certas regiões (PATRINI, 2005, p. 20).

Quando a autora afirma que a oralidade ainda é viva em certas regiões do Brasil, está se referindo ao norte e ao nordeste do país e a quase totalidade da zona rural onde as crianças podem, ainda hoje, estar em contato com os contadores de histórias tradicionais. Seus familiares possuem um repertório de histórias recebidos de outras gerações, uma fonte de saber riquíssima. Podemos dizer então, que a presença do contador de histórias possibilita manter vivos na escola outros repertórios conhecidos das crianças e dos professores. Além do mais, esta presença reconhece e valoriza a oralidade.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. *Língua materna. Letramento, Variação e Ensino*. São Paulo; Parábola, 2002.

BORTONI, Stella Maris (1993). *A contribuição da Sociolinguística para o desenvolvimento da Educação*: dos anos setenta aos anos noventa. Universidade de Brasília. Texto apresentado como conferência plenária no X Encontro Internacional da AFAL, México.

ONG, Walter J. (1998) *Oralidade e cultura escrita*: A tecnologização da palavra; Trad.Enid Abreu Dobransky,São Paulo:Papirus.

PATRINI, Maria de Lourdes (2005). *A renovação do conto*: Emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez.

SILVA, Maria Betty Coelho (1997). *Contar histórias uma arte sem idade*. 7º ed. São Paulo: Ática.